

Editorial

Liberdade, é uma palavra que o sonho humano alimenta, não há ninguém que explique e ninguém que não entenda

Cecília Meireles

Agora, em 2023, a obra magna da filosofia da liberdade de Sartre, *O Ser e o Nada*, completa 80 anos, o que justifica essa edição comemorativa da *Revista Argumentos*. Mas o que há para celebrar? É certo que livros não fazem aniversário senão *para nós*, e não há como ignorar que muitos deles *ficam velhos*: a passagem do tempo e, sobretudo, a cambiante *situação* mundano-concreta, cuidam de embotar a maior parte do saber filosófico que nos precede. Há uma espécie de *cadinho*, sempre muito próximo e fora de alcance, que separa as doutrinas filosóficas que deverão *permanecer* das demais, relegadas ao esquecimento ou a figurar em livros empoeirados de *história* da filosofia. Assim, explica-se porque comemorar oito décadas passadas da publicação de um livro: as teses da ontologia de Sartre, porque voltadas para a *liberdade em situação*, permanecem mais atuais do que nunca. Parodiando o filósofo, se foi o Marxismo (filosofia *insuperável* de *nosso tempo*) que, à distância, engendrou o Existencialismo na década de 1940, hoje, são também os *desafios atuais* que explicam a importância e o interesse filosófico sempre renovado pela filosofia da liberdade.

Em outras palavras, a atualidade de Sartre aparece na medida em que o filósofo busca, via *Fenomenologia*, desmontar nossos conceitos estabelecidos e suspender os juízos de antanho sobre tudo o que nos cerca; ainda, a filosofia da liberdade não objetifica saberes constituídos como se fossem verdades absolutas, trazendo para os limites da facticidade o *livre* e autêntico pensar filosófico. Assim, estudar Sartre demanda fulgor e decisão de questionar a realidade, e isso significa questionar *a própria filosofia* em suas pretensões totalitárias; noutros termos, a tese da liberdade levanta-se contra a melancolia do dogmatismo, fazendo brotar no âmbito da indagação fenomenológica do mundo as bases ontológicas dessa *existência impetuosa*: homens e mulheres num mundo *de liberdades*, que primeiro se revela como *invenção* e *construção* da *libertação* em meio à toda ordem de determinação; segundo, mostra o limite *contingentemente necessário* de ser-homem-e-mulher no mundo, fazendo-o na mesma medida em que *são feitos* por ele; terceiro, mostra que toda e qualquer *prisão* à qual homens e mulheres possam estar encerrados foi, livremente, *arquitetada, criada e é mantida* pela própria liberdade.

Sem Deus, nem pureza transcendental, homens e mulheres estão sós; não estão nus em seu Éden, pois livremente inventaram roupas *logo depois* de terem inventado a nudez, e o *Javé poderoso* que os criou e condenou. No princípio, era a liberdade. Nossa luta cotidiana é então, *livremente* e *em colaboração com bilhões de outras liberdades*, fazer a História, que será tão bela ou tão terrível quanto a fizermos; isso requer, conforme a proposta de Sartre, libertar homens e

mulheres de toda ilusão determinista, *metafísica*, transcendente ou imanente; cumpre denunciar a má-fé, e toda a hipocrisia de *homens e mulheres que fazem a história* e se negam a *se reconhecerem nela*. É nesse sentido que o presente dossiê oferece uma *renovada recepção* de *O Ser e o Nada*, através de artigos de reconhecidos estudiosos no campo da filosofia da liberdade. Agradecemos, primeiro, à *Revista Argumentos*, na pessoa dos editores Hugo, Odílio e Evaldo, por generosa e *livremente*, ceder esse espaço para que a filosofia da liberdade possa ser divulgada; lembramos aqui que Sartre, para evitar o paradoxo de *impor a liberdade*, sugere a arte como *meio adequado*, mas não suficiente, de fazer ver que *somos livres*. O trabalho técnico, analítico e reflexivo vai, sempre, ter seu lugar garantido; e desejado.

Portanto, essa edição da *Revista* cumpre justamente o papel de divulgação e discussão de aspectos *técnicos* da Filosofia da Liberdade em comemoração dos 80 anos de publicação da ontologia; isso não significa deixar de dialogar com a cotidianidade, com nossa *agenda contemporânea*, ainda que o objeto visado seja o *fundamento da liberdade*: para Sartre os planos ôntico e ontológico não são separáveis, donde, falar de liberdade é ainda responder a questões que interessam no mundo, *hoje*. Por isso, agradecemos a generosidade de cada uma e cada um dos pesquisadores que atenderam nosso convite para celebrar 80 anos de um livro; e nada mais festivo, filosoficamente falando, que fazer *reviver* ideias passadas, ato livre que, *livremente*, visa a Liberdade. Thana Mara de Souza, Fabio Caprio L. de Castro, André Constantino Yazbek, Fernanda Alt, Sylvia Mara Pires de Freitas, Thiago Rodrigues, Alexandre de Oliveira Torres Carrasco, Marcelo S. Norberto e Simeão Donizeti Sass, obrigado! Por oportuno, agradecemos também ao Grupo de Estudos Sartre (GES-UECE), na pessoa de Eliana Paiva, que há 19 anos mantém intensas e entusiastas atividades para difundir o pensamento sartriano. Além disso, não poderíamos deixar de agradecer aos mais diversos grupos de pesquisas em filosofia, psicologia e fenomenologia existencial que *travam o bom combate* na defesa e promoção da doutrina da liberdade.

Ser livre (ou libertário) no século XXI exige adentrar aquele *porvir* anunciado por Sartre em sua ontologia em 1943, e os embates sociais recentes por *liberdade* (Movimento negro, Movimento dos trabalhadores rurais sem-terra, Movimento indígena, Movimento LGBTQIA+ etc.) marcam justamente a *epopeia da luta* de homens e mulheres por *sua libertação*. Nunca foi possível dizer *a outrem* o que é ser livre; mas isso não é necessário. A liberdade... essa palavra que o *sonho humano alimenta* tem, no dizer da poeta, sua aporia escancarada: *não há quem explique*, como também *não há quem não entenda*. Palavras preciosas de Cecília, educadora que expressa em seu poetar a desconcertante verdade fenomenológica, descortinada por Sartre uma década antes: não se pode definir o que é ser livre, pois haverá tantas formas de *dizer a liberdade* quantos forem os homens e mulheres que existiram, existem ou vierem a existir.

Cordialmente,
Carlos Henrique e Luciano Donizetti